

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS
GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO**

PEDRO VILLELA RANZA

**MOBILIDADE ACADÊMICA ESTUDANTIL: Como a literatura tem retratado
a experiência e os resultados da mobilidade acadêmica no Brasil?**

**UBERLÂNDIA
2023**

PEDRO VILLELA RANZA

MOBILIDADE ACADÊMICA ESTUDANTIL: Como a literatura tem retratado a experiência e os resultados da mobilidade acadêmica no Brasil?

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Administração, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Gestão da Informação.

Orientador Profa. Dra. Janaína Maria Bueno.

Banca de Avaliação:

Prof. Dra. Janaína Maria Bueno – Professora Orientadora – UFU

Prof. Dra. Janduhy Camilo Passos – Membro – UFU

Mestranda Ester Paula dos Santos – Membro – UFU

**UBERLÂNDIA
2023**

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	6
2.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
2.1.	Instituições de ensino superior.....	8
2.2.	Programa de mobilidade acadêmica: considerações gerais.....	10
3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
4.	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	16
4.1.	Análise temporal: periodicidade, objetivos e conclusões.....	17
4.2.	Análise temática.....	20
4.3.	Aspectos relacionados aos docentes e discentes.....	21
4.4.	Aspectos relacionados às instituições de ensino superior.....	23
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

FIGURAS

- Figura 1 - Características de uma universidade de classe mundial: alinhamento de fatores-chave.....10
- Figura 2 - Análise temporal dos estudos utilizados nesta revisão.....16

TABELAS E QUADROS

- Tabela 1 - Etapas da pesquisa nas bases acadêmicas.....13
- Quadro 1 - Lista de artigos analisados.....14
- Quadro 2 - Categorias de experiências de estudantes em mobilidade acadêmica.....22
- Quadro 3 - Pontos para melhoria nas universidades.....23
- Quadro 4 - Melhorias para atrair estudantes de mobilidade acadêmica.....24

RESUMO:

A globalização econômica, política e cultural tem impulsionado as universidades a buscar conexões com universidades estrangeiras e ampliar suas oportunidades de intercâmbio estudantil e prestação de serviços internacionais. O objetivo deste estudo é analisar a produção acadêmica brasileira sobre mobilidade acadêmica, com foco na mobilidade estudantil, por meio de uma revisão sistemática de literatura do tipo revisão integrativa utilizando as bases Spell e Scielo. Sendo assim, os programas de mobilidade são um meio popular de internacionalização das IES e são influenciados positivamente por fatores como perspectivas de carreira, realização pessoal, aquisição de idiomas, bolsas de estudo e intercâmbio cultural. O programa Ciência sem Fronteiras é apresentado como um exemplo de iniciativa nacional de promoção da internacionalização. A internacionalização das IES traz benefícios competitivos e de transformação social, como o desenvolvimento acadêmico, a introdução de conteúdo internacional no currículo e o engajamento em currículo conjunto ou desenvolvimento de programas. No entanto, há também desafios a serem superados, como a necessidade de recursos financeiros, o estabelecimento de acordos internacionais e a adaptação dos programas de ensino às necessidades locais e internacionais. Conclui-se, portanto, que a internacionalização das IES é um processo complexo e importante para a formação acadêmica e profissional dos estudantes e para a reputação e competitividade das universidades.

Palavras-chaves: Mobilidade Acadêmica; Mobilidade Estudantil; Intercâmbio.

ABSTRACT:

Economic, political, and cultural globalization has driven universities to seek connections with foreign universities and expand their opportunities for student exchange and international service provision. The aim of this study is to analyze Brazilian academic production on academic mobility, with a focus on student mobility, through a systematic literature review of the integrative review type using the Spell and Scielo databases. Therefore, mobility programs are a popular means of internationalizing Higher Education Institutions (HEIs) and are positively influenced by factors such as career prospects, personal fulfillment, language acquisition, scholarships, and cultural exchange. The Science Without Borders program is presented as an example of a national initiative to promote internationalization. The internationalization of HEIs brings competitive and social transformation benefits, such as academic development, the introduction of international content into the curriculum, and engagement in joint curriculum or program development. However, there are also challenges to be overcome, such as the need for financial resources, the establishment of international agreements, and the adaptation of teaching programs to local and international needs. Therefore, it is concluded that the internationalization of HEIs is a complex and important process for the academic and professional development of students, as well as for the reputation and competitiveness of universities.

Key-words: Academic Mobility; Student Mobility; Exchange

1- INTRODUÇÃO

Durante as últimas décadas, com a evolução e expansão de mercados globais, vem sendo observado um movimento no sentido da internacionalização das instituições de ensino superior (IES), como apontado por Stallivieri (2015) na direção de repensar seu papel na formação de indivíduos capazes de atender às novas demandas do mercado global de trabalho com competências específicas e sensibilidade cultural para trabalhar em ambientes cada vez mais multiculturais.

Warner (1992) apresentou, em seu estudo, as três razões pela qual as universidades buscam a internacionalização: modelo competitivo (introduzindo conteúdo internacional no currículo e outros elementos na vida do campus, com o objetivo de aumentar a competitividade da instituição no mercado econômico global); modelo liberal (que possui como objetivo o auto desenvolvimento de seu corpo acadêmico em um mundo que está em constante mudança em prol de suas relações humanas e cidadania); modelo de transformação social (com objetivo de dar aos estudantes uma consciência melhor a respeito de questões interculturais relacionadas à equidade e justiça, possibilitando-os de trabalhar de forma crítica em prol da transformação social). Nesta mesma direção, Teixeira et al. (2021) argumentaram que o primeiro objetivo é a internacionalização de seu corpo docente, auxiliando em sua formação por meio dessa experiência com pesquisadores internacionais. Isso promove a evolução dentro da sala de aula e também aumenta o grau de pesquisa da universidade, trazendo cada vez mais visibilidade internacional.

Uma das principais autoras sobre mobilidade acadêmica e internacionalização das IES, Knight (2004), traz reflexões a respeito dos acordos entre instituições, mostrando que acordos bilaterais ou multilaterais entre instituições aumentaram exponencialmente na primeira década do século XXI, aumentando a abrangência de atuação das instituições. Tais acordos podem ser realizados com diversos objetivos, como por exemplo: mobilidade acadêmica, desenvolvimento conjunto de currículos ou programas, benchmarking, seminários e conferências. Segundo a autora, frequentemente essas instituições não conseguem sustentar inúmeros acordos, logo alguns acabam inativos ou não saem do papel.

É possível observar um aumento na busca pela internacionalização por parte das instituições educacionais ao redor do globo no século XXI. Uma das formas de internacionalização destas instituições se dá por programas de mobilidade acadêmica, tanto para envio quanto para recebimento de professores, pesquisadores e estudantes. De 2000 a 2010, o número de estudantes em mobilidade aumentou de 2,1 milhões para 4,1 milhões (DE WIT, 2014; IESALC, 2019). Essa crescente se deve a programas nacionais e internacionais que

fomentam esse tipo de mobilidade, como, por exemplo, o Erasmus, programa desenvolvido pela União Europeia para “apoiar a educação, a formação, a juventude e o desporto” - programa este que foi criado em 1987 e em 2021 se tornou Erasmus+, dispondo de um orçamento de 26,2 milhões de euros até 2027 (ERASMUS+, 2021).

Vista essa necessidade, as instituições de ensino superior em diferentes países buscam, em diferentes graus e formas, alavancar os currículos de seus docentes e discentes rumo a uma formação acadêmico-científica mais robusta e relevante. Não só em sua formação, mas também em métodos avaliativos, pesquisas e publicações (FAGUNDES ET AL., 2019).

Observando o ponto de vista dos estudantes, Rosolen et al. (2012) apresentaram alguns fatores relevantes sobre a mobilidade acadêmica, sendo que os fatores que mais influenciam positivamente os alunos a realizar a mobilidade acadêmica são: perspectiva futura de carreira profissional, desejo de realização pessoal, desejo de aprender novo idioma, possibilidade de obtenção de bolsa e o desejo de conhecer pessoas diferentes. A pesquisa também revelou que apenas 11,8% dos alunos que participaram do estudo, nunca realizaram e não tem interesse em realizar um intercâmbio, deixando claro sua importância.

No Brasil, também houve importantes iniciativas para estimular a mobilidade acadêmica e uma das mais recentes e principais neste sentido foi o programa Ciência sem Fronteiras (CsF) que pode ser definido como:

Ciência sem Fronteiras é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional (BRASIL, 2022).

Segundo Manços e Coelho (2017), este foi um dos programas mais audaciosos já feitos pelo governo federal no contexto de políticas públicas de internacionalização e de ciência, tecnologia e inovação, que concedeu mais de 100 mil bolsas a estudantes brasileiros e despendeu mais de R\$10 bilhões dos cofres públicos. Assim, tornou-se um marco na internacionalização dos estudantes de ensino superior no Brasil, que até o momento não havia tido tal investimento, abrangendo 18 áreas e realizando parcerias com 30 países mundo afora (BRASIL, 2022).

Diante deste contexto e ao levar em consideração diferentes fatores que tornam a mobilidade acadêmica um assunto interessante e relevante, foi feita a seguinte pergunta: Como é caracterizada a produção científica brasileira sobre mobilidade acadêmica estudantil em termos do aspecto temporal das publicações e das temáticas abordadas por elas? Para responder a esta questão, o objetivo com este estudo é analisar a produção acadêmica brasileira sobre mobilidade acadêmica, com foco na mobilidade estudantil, por meio de uma revisão sistemática de literatura do tipo revisão integrativa nas bases acadêmicas Scielo e Spell. E, assim, pretende-

se contribuir para a discussão de como a literatura tem tratado essas experiências e resultados no contexto brasileiro. Além disso, busca identificar e entender os principais pontos explorados pela academia sobre o tema e suas contribuições, bem como, indicar uma agenda para pesquisas futuras.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1- Instituições de Ensino Superior

A instituição de ensino superior (IES) surgiu durante a idade média na Europa Ocidental e aos poucos se disseminou pelos demais países do mundo, sendo a universidade de Bolonha uma das mais antigas, criada no século XI. Desde o início as universidades buscavam professores de diferentes partes do mundo para compor seu corpo docente a fim de iniciar atividades de ensino e pesquisa.

No Brasil, a origem das IES apresenta características bem semelhantes e desde o começo do século XX, elas já se preocupavam com a necessidade de fortalecer seus centros de pesquisa trazendo docentes de fora do território nacional e buscando acordos com universidades estrangeiras. Na década de 1960, começam a surgir acordos bilaterais com universidades do resto do mundo, a fim do desenvolvimento de ciência e tecnologia e depois na década de 1970, são criados programas em âmbito nacional a fim de apoiar atividades de estudantes de pós-graduação no exterior (LAUS; MOROSINI, 2005).

Neste mesmo ritmo, a economia globalizada que ganhou cada vez mais espaço no século XX, passa a trazer consequências para o sistema das instituições de ensino superior. Por mais que as universidades já fossem ambientes internacionais, elas acabam sendo impactadas pela evolução dos fluxos globais de pessoas e negócios (MIURA, 2006).

Neste sentido, Duarte (2012) comenta que a globalização econômica, política e cultural atrai comércio, conhecimento, investimentos, ideias, tecnologia e pessoas entre nações, o que resulta em uma maior ênfase na internacionalização das instituições de IES, impulsionada pelo interesse dos acadêmicos e governos. Ela também criou oportunidades para a implementação de programas acadêmicos. Portanto, o processo de globalização destaca a importância do financiamento de novos programas acadêmicos que ganhem reputação e visibilidade no mundo atual.

Em decorrência disso, as universidades passam a se internacionalizar cada vez mais, havendo mais trocas de conhecimentos e experiências entre elas de maneira cada vez mais regular, essas trocas passam a acontecer de diversas maneiras e entre diferentes regiões e países (BOHRER apud PEREIRA, 2017).

Tendo em vista a internacionalização de suas atividades, as universidades europeias e americanas se destacam por meio da prestação de serviços internacionais, cursos EAD (ensino à distância) e intercâmbio estudantil (HUDSON, 2016). É possível observar essa questão, analisando os dados do Ciência sem fronteiras disponibilizados em 2015 pelo Senado federal, onde "a maior parte, 52%, fizeram ou estão fazendo intercâmbio na Europa, 39% na América, 7% na Oceania, 2% na Ásia e 1% na África" (DATASENADO, 2015).

Como exemplo de universidades brasileiras neste processo, a Universidade Federal do Ceará (UFC) obteve, inicialmente, com a internacionalização a criação de oportunidades para que docentes fossem capacitados em conjunto com pesquisadores de outros países, o que contribuiu para elevar o padrão de qualidade das pesquisas realizadas na IES, gerando maior visibilidade e reputação para a instituição. Esse fator é particularmente evidente na UFC, cujo pioneirismo em iniciativas de internacionalização e grande oferta de cursos de pós-graduação atuam como importantes meios para estabelecer conexões com universidades estrangeiras. (TEIXEIRA ET AL., 2021).

Já em outra pesquisa, de Miura (2006), realizada na Universidade de São Paulo (USP) com o objetivo de estudar o processo internacionalização da instituição em diferentes áreas do conhecimento, apontou que as estratégias adotadas pela USP evidenciam que a internacionalização é considerada uma questão prioritária, conforme atestado pelas unidades pesquisadas. Professores que lecionam em áreas como Medicina, Engenharia, Administração e Economia reconhecem que a USP dedica uma clara atenção ao processo de internacionalização e percebem que essa temática deve ser continuamente perseguida.

Olhando para o cenário de uma terceira universidade brasileira, uma pesquisa realizada para avaliar a experiência dos alunos estrangeiros que participaram de mobilidade na UFRGS apontou vários aspectos positivos, como a comunidade acadêmica demonstrando interesse pelo idioma e cultura dos estudantes internacionais e uma boa integração entre os alunos. Por outro lado, a pesquisa também evidenciou algumas questões problemáticas, pontos que deveriam ser desenvolvidos pela instituição a fim de avançar no processo de internacionalização, como por exemplo: a oferta limitada de aulas de idiomas pela universidade e escassas oportunidades para troca intercultural em sala de aula (LUCE; FAGUNSDDES; MEDIEL, 2016).

Observando os pontos levantados e os exemplos de instituições brasileiras, os investimentos em seu processo de internacionalização são vistos pela comunidade internacional como indicadores de universidades de Classe Mundial. De acordo com Haeffner, Zanotto e Guimarães (2021), os principais indicadores de que uma instituição de ensino superior de excelência são: o número de discentes e docentes estrangeiros; o corpo docente ser composto

por pesquisadores de reputação elevada; as publicações acadêmicas nas bases Web of Science (WoS) e Scopus, a quantidade de vezes que são citados; quanto essas publicações impactam no cenário que a instituição está inserida. Como resultado desses indicadores, temos uma classificação das universidades a nível mundial, destacando-se nesse grupo temos as universidades de classe mundial ou World Class Universities (WCU) em inglês.

Por meio de um diagrama, Venn, Altbach e Salmi (2011) apresentam a conceituação e principais características das universidades de classe mundial, ou WCUs na sua sigla em inglês, para o Banco Mundial, representado pela Figura 1.

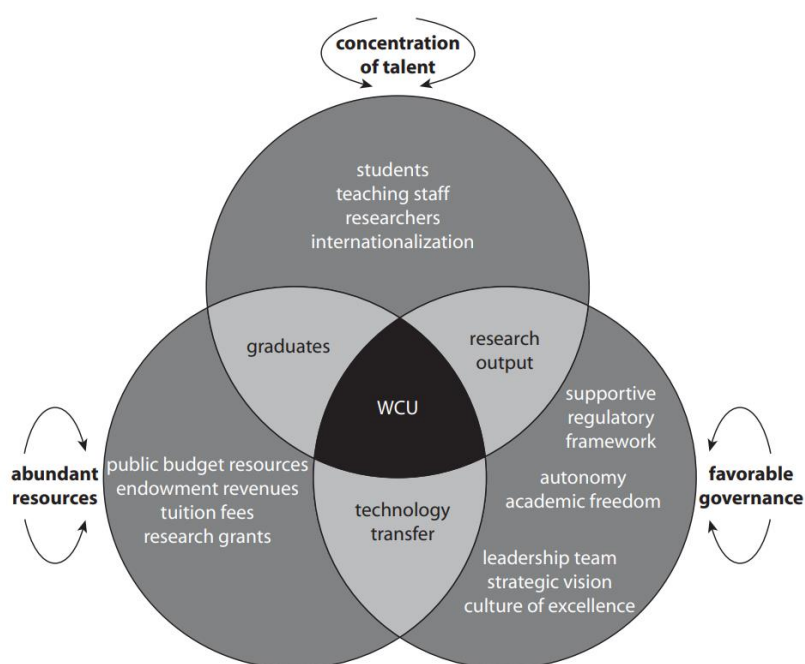


Figura 1 - Características de uma universidade de classe mundial: alinhamento de fatores-chave

Fonte: Altbach e Salmi (2011, p. 4)

2.2- Programa de Mobilidade Acadêmica: considerações gerais

A mobilidade acadêmica, discutida nesta revisão, é somente uma das iniciativas compreendidas pelas universidades para se tornarem ambientes cada vez mais internacionais. Segundo Duarte (2012), “estudo de idiomas; participação e colaboração em pesquisa, seminários e conferências internacionais; programas de educação à distância; firmar parcerias e cooperação internacional” são todas ações que estimulam a internacionalização.

No Brasil, o desenvolvimento de políticas para estruturação deste tipo de mobilidade foi baseado nas Políticas de Ensino Superior, Científica, Tecnológica e de Inovação (PCTI), com

o objetivo de atender às novas necessidades globais foi desenvolvido o programa Ciência sem Fronteiras (RAMOS, 2018). A autora também traz que:

[...] a mobilidade internacional é entendida como o principal mecanismo para impulsionar o intercâmbio científico e a colaboração em pesquisa, contribuindo para expandir seu perfil e impacto internacional. Essa visão é realizada por meio de um modelo ainda fortemente baseado numa “abordagem para o exterior”, na qual a pesquisa está claramente no centro do processo de internacionalização (RAMOS, 2018, p. 16)

Grande parte dos estudantes que realizam a mobilidade internacional se desloca para países desenvolvidos e segundo Rosenzweig (2006) existem dois casos em que esse intercâmbio ocorre. O primeiro, é para buscar uma vida acadêmica mais bem estruturada e desenvolvida, já que isso não está presente na sua instituição de origem, com objetivo de trazer o conhecimento adquirido de volta a seu país, e no segundo caso, o estudante parte com um visto de estudante e busca permanência no país de destino, com vistas a melhores condições.

Já na visão de Carvalho (2020), a internacionalização por meio da mobilidade acadêmica internacional é capaz de transformar o cenário acadêmico brasileiro, as universidades conseguem trocar conhecimentos e experiências, contribuindo para o desenvolvimento das suas instituições por meio de novos estudos culturais, abordagens de gestão e outros recursos diante das interações globais em constante evolução.

Entretanto, Contel (2007) apresenta um fator relevante que é a chamada ‘fuga de cérebros’, pois os países ricos e desenvolvidos acabam atraindo e retendo professores, pesquisadores e alunos, fazendo com que exista uma verdadeira "geopolítica do conhecimento, dadas as condições de desenvolvimento da atual internacionalização”.

Tendo em conta essa evolução da internacionalização, as instituições passam a considerar o fluxo de alunos provenientes de outras, estudando o seu indicador de atratividade, buscando cada vez mais estimular ações que dão valor à dimensão intercultural de suas universidades. Assim, passa a ser interessante sempre ter *feedbacks* de seus alunos e pesquisadores, a fim de definir melhores estratégias de melhorias para suas aulas e atividades complementares (LUCE, FAGUNDES e MEDIEL 2016). Nesse sentido, é importante salientar que os discentes que participam desse tipo de atividade passam por inúmeras dificuldades e ganhos, adquiridos ao longo da experiência. Para Oliveira e Freitas (2017), a instituição de ensino superior tem papel chave na qualidade da experiência do aluno, podendo contribuir nos ganhos em todas as vertentes (profissionais, pessoais, interculturais e acadêmicos). Esse apoio deve estar presente não só durante a mobilidade, mas antes, também, no intuito de engrenar o discente.

Na visão de Hill, Lynch e Dalley-Trim (2012), o indivíduo ao participar da mobilidade se coloca em uma posição desconfortável com uma realidade que é muito diferente da sua vivenciada até ali. Necessitando se colocar em uma posição de conflito, dado que está inserido em uma nova cultura, em um novo país, com novos amigos, longe da família e claro precisando se expressar/aprender em um novo idioma. Medeiros, Andrade e Passos (2017) também apresentaram reflexões a respeito das dificuldades e anseios de discentes a respeito da graduação em um novo país, onde diversas variáveis são colocadas apostas, claro nas dificuldades de ser um estudante em um país estrangeiros, mas também de todos os benefícios e principais aspirações de estudantes que optam por este caminho durante a graduação, como por exemplo aprimorar a língua estrangeira e conhecer outros países, demonstrando motivações muito similares independente da área do conhecimento.

Voltando a atenção aos docentes em mobilidade acadêmica, foram identificados poucos trabalhos, uma vez que a maioria das pesquisas tem o estudante como foco principal. Com o foco nos docentes, Richardson e Mckenna (2001) fizeram uma pesquisa com 30 professores, que realizaram mobilidade para 5 países diferentes, dentre eles foram identificados diferentes objetivos que os profissionais almejam atingir, como por exemplo, o enriquecimento. Porém, duas motivações acabaram se destacando perante as demais, sendo: desenvolvimento de sua carreira profissional (networking) e o desejo de explorar novos países e culturas.

3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A revisão bibliográfica é uma análise e descrição de publicações científicas relacionadas a uma área do conhecimento, no qual o pesquisador busca estudos relevantes sobre a temática a ser pesquisada para identificar lacunas no conhecimento já existente e propor novas perspectivas e abordagens para o tema a (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021). O estudo utiliza a técnica da revisão sistemática, que consiste em identificar, selecionar e avaliar criticamente estudos realizados por pesquisadores e acadêmicos a partir de uma pergunta específica. Essa técnica envolve uma sequência de etapas, como coleta, compreensão, análise, síntese e avaliação de um conjunto de artigos científicos (FOSSATTI; MOZZATO; MORETTO, 2019).

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo descritiva, que segundo Minayo (2012), se baseia em três verbos principais: compreender, interpretar e dialogar, que informam o movimento de qualquer abordagem ou análise dessa metodologia de pesquisa. Dado o objetivo de analisar a produção acadêmica brasileira sobre a mobilidade acadêmica, especificamente a mobilidade estudantil, foi necessário definir e seguir algumas etapas para a execução desta pesquisa, detalhadas a seguir.

Para realizar essa pesquisa, foram escolhidas duas bases: Spell (famosa pelo acesso a artigos de qualidade, ampla cobertura, atualizações regulares e recursos avançados de pesquisa) e Scielo (focada principalmente em países da América Latina e do Caribe, uma de suas características marcantes é a criação de métricas para avaliar o impacto dos artigos publicados, levando em consideração sua visibilidade e alcance), onde foram pesquisados trabalhos em português e que continham as seguintes palavras chave: ‘mobilidade acadêmica’, ‘mobilidade estudantil’, e ‘intercâmbio’. A partir deste ponto, a pesquisa foi realizada conforme apresentada na Quadro 1:

Tabela 1: Etapas da Pesquisa nas Bases Acadêmicas

Fonte: dados da pesquisa.

	Spell	SciELO	Total	% de aproveitamento
Etapa 1				
09 e 10 de dezembro de 2022	18	65	83	100%
Etapa 2				
11 e 12 de dezembro de 2022	8	32	40	48,19%
Etapa 3				
15 a 24 de dezembro de 2022	6	23	29	34,94%
Etapa 4 (final)				
01 a 07 de janeiro de 2023	3	9	12	14,46%

- Na etapa inicial que envolveu a pesquisa dos artigos nas bases de dados mencionadas, foram adquiridos um total de 83 artigos, utilizando as seguintes palavras-chave: mobilidade acadêmica, mobilidade estudantil e intercâmbio;
- Na sequência os trabalhos foram submetidos a uma nova análise, levando em consideração o resumo. Foram selecionados aqueles que retratam experiências e resultados da mobilidade acadêmica no Brasil,;
- Logo após, na ‘Etapa 3’, os trabalhos foram submetidos a uma leitura de suas introduções e conclusões, a fim de selecionar artigos que trouxessem dados e informações relacionados ao objetivo da revisão;
- Por fim, compreendeu-se a leitura completa dos vinte e nove artigos restantes e a definição final daqueles que tinham maior sintonia com o tema central.

Análise realizada com base no roteiro de Conforto e Silva (2011), que nos trazem um passo a passo de como realizar uma revisão sistemática de excelência, desde de sua introdução até a sua conclusão, nos mostrando elementos que devem ser levados em consideração e suas vantagens.

Ao longo de toda a análise foram excluídos artigos que fossem repetidos em ambas as bases, trabalhos apresentados em eventos e artigos que não tratavam da mobilidade acadêmica como tema central ou relevante, chegando a um total final de doze trabalhos e um aproveitamento de 14,46%, .

O Quadro 1 apresenta os doze trabalhos analisados com dados sobre o seu título, nomes dos autores, a revista onde foi publicado e ano de publicação.

Nome do artigo	Nomes dos autores	Revista onde foi publicado	Ano
Educação Superior na América Latina: a convergência necessária	Rodolfo Joaquim Pinto da Luz Pedro Antônio de Melo Gilberto Vieira Angelo	Revista de Ciências da Administração	2005
Aspectos da internacionalização do ensino superior: origem e destino dos estudantes estrangeiros no mundo atual	Fábio Betioli Contel Manolita Correia Lima	InternexT - Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM	2007
Novas propostas pedagógicas para o desenvolvimento de disciplinas ministradas em línguas estrangeiras nas salas de aula multiculturais	Luciane Stallivieri Roberto Birch Gonçalves	Revista de Ciências da Administração	2015
MOTIVAÇÕES PARA MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: A VISÃO DE ALUNOS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS	Adriana Leonidas de Oliveira Maria Ester de Freitas	Educação em Revista UFMG	2016
Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica	Maria Beatriz Luce Caterine Vila Fagundes Olga González Mediel	Avaliação: Revista da avaliação da Educação Superior (Campinas)	2016
Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes	ADRIANA LEÔNIDAS DE OLIVEIRA MARIA ESTER DE FREITAS	Revista Brasileira de Educação	2017
Marcas das Experiências Sociais e Interculturais de Estudantes em Mobilidade Internacional: Dos Laços de Amizade aos	Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros Antonia Darliane da Silva Andrade	Administração: Ensino e Pesquisa	2017

“Perrengues”	Janduhy Camilo Passos		
Internacionalização do ensino superior e os impactos da imigração na saúde mental de estudantes internacionais	Alisson Vinícius Silva-Ferreira Lucienne Martins-Borges Thiago Guedes Willecke	Publicação da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior (RAIES)	2019
A qualidade da mobilidade de estudantes de graduação no “Ciências sem Fronteiras”	Caterine Fagundes Maria Beatriz Luce Paloma Dias Silveira	Revista Ensaio	2019
Desigualdade de acesso ao Programa Ciência sem Fronteiras: uma interlocução com a perspectiva dos estudos de gênero	Catarina Barbosa Torres Gomes	Revista Estudos Feministas	2021
Um estudo da mobilidade acadêmica internacional em cursos de graduação da Universidade Federal de São Carlos no âmbito dos programas AUGM, Bracol, Bramex e Acordos bilaterais de cooperação	Andréia Businaro Forim Camila Carneiro Dias Rigolin	Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)	2022
Mobilidade estudantil de universitários oriundos do ensino médio público: experiências com o programa Ciência sem Fronteiras	Wivian Weller Jéssica Reis	Pró-Posições	2022

Quadro 1: Lista de Artigos Analisados

Fonte: dados da pesquisa.

4- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Antes da análise dos resultados em si, é importante observarmos os números a fim de termos uma noção maior do cenário do ensino superior brasileiro. Segundo o Mapa do Ensino Superior, o Brasil possui 8,6 milhões de alunos matriculados, sendo, destes, 30,3% matriculados em cursos de ensino à distância. É importante salientar que não foram encontrados números ou estudos, no Brasil, sobre estudantes de EAD que realizam mobilidade acadêmica. Além disso, é preciso levar em consideração que das 2.608 instituições de ensino superior, somente 302 (11,5%) são instituições da rede pública, de onde são provenientes todos os artigos encontrados para realização desta revisão bibliográfica. Portanto, ao levar em consideração que os estudos

encontrados não retratam a rede privada ou os alunos de EAD, tem-se uma base de 1.922.761 alunos matriculados, ou seja, 22,35% dos alunos matriculados do total (SEMESP, 2021).

Em paralelo a isso, é importante pontuar que o número de estrangeiros em cursos de graduação no Brasil é relativamente baixo, sendo somente 0,2% do total de alunos (porcentagem baixa se comparada com outros países, como, por exemplo nos EUA que esse valor chega a 5,5%), porém os números são mais expressivos quando se olha para alunos da pós-graduação, que atinge o patamar de 2% (UNESCO, 2015).

4.1- Análise temporal: periodicidade, objetivos e conclusões

Para esta análise temporal, foram utilizados os doze artigos selecionados para esta revisão. A Figura 2 representa esses trabalhos de acordo com seu ano de publicação:

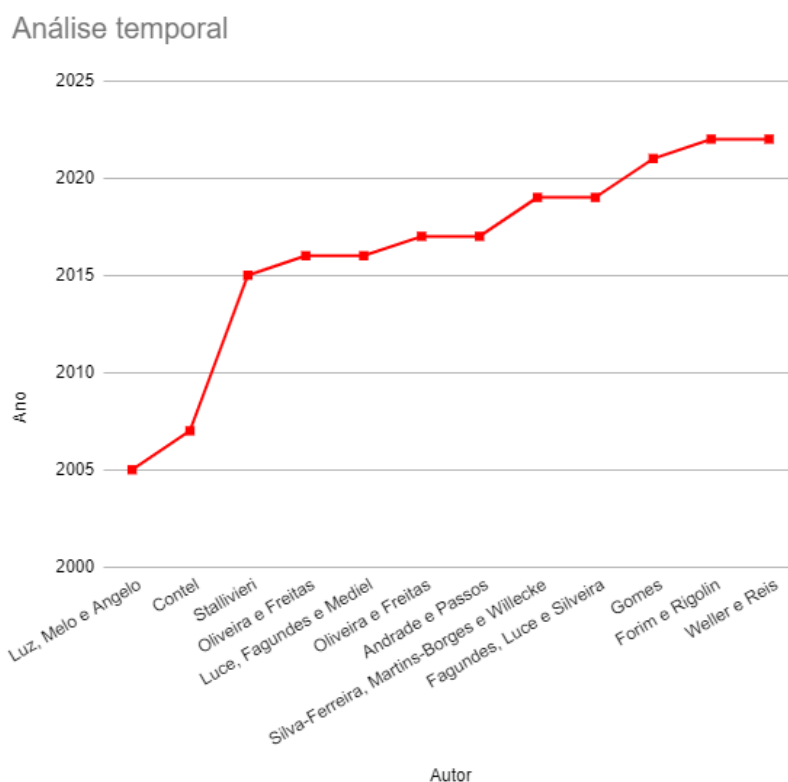


Figura 2 - Análise temporal dos estudos utilizados nesta revisão

Fonte: dados da pesquisa.

É preciso ressaltar o surgimento do programa Ciência sem Fronteiras em 2011, ficando evidente nos números de alunos brasileiros que conseguiram uma oportunidade de estudar fora do Brasil e no número de estudos publicados sobre o tema. Dos doze artigos selecionados para esta revisão, dez foram publicados a partir de 2015 e possuem referências e/ou citações ao programa de mobilidade acadêmica.

O primeiro deles foi escrito por Luz, Melo e Angelo (2005), onde os autores focam na educação de ensino superior latino-americana, refletindo sobre a necessidade da internacionalização das instituições de ensino superior, frente às exigências que são impostas pelo mercado. Concluindo, então, que se faz necessário a criação de políticas públicas, que tenham como objetivo o investimento em recursos humanos em prol da ciência e da tecnologia - deixando claro que todo e qualquer recurso aplicado na educação não é custo, e sim investimento, além de se fazer necessário “assegurar a igualdade de oportunidades de acesso à educação é condição essencial para o desenvolvimento integral, social e econômico das nações”.

O segundo trabalho na linha temporal é de Contel e Lima (2007) que propõe uma discussão das origens e destinos desses alunos, que participam de mobilidades acadêmicas, levando em consideração geografia, aspirações dos estudantes e políticas públicas. Ele dá ênfase na necessidade dos países de atraírem alunos para suas instituições para se tornarem ambientes globais e para que possamos, cada vez mais, visualizar claramente o surgimento de uma “geopolítica do conhecimento”.

O estudo de Stallivieri (2015) apresenta uma reflexão relevante, não sobre a mobilidade, mas sobre algo que a antecede. A autora analisa como as universidades podem se tornar ambientes multiculturais, sem a necessidade de deslocamento de seus alunos, mas com o fornecimento de disciplinas que tratam de temas relacionados, abrangem alunos internacionais e são ministradas em línguas estrangeiras. Desta forma, a instituição tem a possibilidade de desenvolver seus alunos e professores, dentro de seu próprio espaço, deixando de lado o modismo até então proposto pela internacionalização, que se baseia somente no intercâmbio de alunos.

Com ênfase nas motivações por trás da mobilidade, Oliveira e Freitas (2016, p. 26) apresentam os desejos dos alunos ao realizarem a busca por esse tipo de programa, como importante capital simbólico para discentes e docentes. As autoras deixam claro que grande parte dos estudantes participam desses intercâmbios em estágios iniciais da graduação, “[...] o que acaba por revelar motivações pouco alinhadas a projetos acadêmicos ou profissionais mais claros e consistentes de médio e longo prazo”. Estes alunos, portanto, buscam principalmente conhecer novas culturas, amadurecimento por meio da experiência e o desenvolvimento de uma nova língua.

Em seu segundo estudo, Oliveira e Freitas (2017) passam a analisar experiências de docentes e discentes na mobilidade acadêmica e principalmente no papel das instituições a apoiar e facilitar tais programas. Em sua visão, as autoras pontuam o apoio institucional como

uma das grandes alavancas para que a experiência tenha sucesso, isso em todo o processo (antes, durante e depois), sendo este um trabalho que deve ser realizado em conjunto, entre instituição de origem e instituição de destino, em prol de aumentar os ganhos de alunos e professores.

Dando continuidade aos pontos levantados pelas últimas autoras, Luce, Fagundes e Mediel (2016) também dão grande enfoque ao auxílio institucional em prol de uma mobilidade acadêmica bem-sucedida. Porém, visam principalmente as ações que fortaleçam a qualidade da dimensão pluricultural da universidade, como, por exemplo, ações para receber maior número de estrangeiros e fortalecimento da oferta de idiomas, havendo assim uma necessidade de definir estratégias nacionais e institucionais para alcançar tais objetivos.

O sétimo trabalho é de autoria de Medeiros, Andrade e Passos (2017) que descrevem as motivações e resultados da mobilidade acadêmica por parte dos estudantes, elencando tanto suas dificuldades, quanto os principais benefícios da experiência. Com uma análise qualitativa, em entrevistas com discentes que participaram de tais programas, concluiu-se que “as experiências sociais e interculturais dos estudantes foram caracterizadas por laços de amizade, aventuras, conhecimento, fala negociada e ‘perrengues’”.

Seguindo no âmbito das dificuldades postas pela autora em nosso último parágrafo, Silva-Ferreira, Martins-Borges e Willecke (2019) aprofundam na temática da saúde mental dos estudantes no Brasil. Levando em consideração que este problema não afeta somente a saúde, mas como também o desempenho e desenvolvimento acadêmico do discente, os autores levantam pontos importantes, como de que as instituições de ensino devem trabalhar a fim de minimizarem o adoecimento de seus estudantes.

Em tópico semelhante, porém com uma visão mais abrangente, Fagundes, Luce e Silveira (2019) discorrem sobre a qualidade da mobilidade acadêmica realizada pelos estudantes, dando enfoque na satisfação deles. Os autores exaltam o programa “Ciência sem Fronteiras” ao longo do texto como ferramenta relevante para o desenvolvimento dos estudantes brasileiros que participaram e como política pública chave para o desenvolvimento de nossas instituições de ensino.

Abordando outra temática, Gomes (2021) faz um estudo sobre a desigualdade no acesso ao programa Ciência sem Fronteiras por parte das mulheres. Ao longo do texto, ela pontua e discorre a respeito de vários fatores que fazem com que a presença das mulheres seja menor no programa, como, por exemplo, o fato de que as mulheres são minoria nas áreas do conhecimento que a política pública dá enfoque, porém não deixando de ser um reflexo de que as mulheres possuem menor acesso a ciência e tecnologia no geral.

Em sua pesquisa, Forim e Rigolin (2022) retomam a temática abordada em assuntos anteriores sobre a mobilidade de estudantes, retratando a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), os dados sobre estudantes em mobilidades *outgoing* (realizam a mobilidade outra instituição) e *incoming* (realizam a mobilidade para a UFSCar). Diante disso, as autoras pontuam estratégias relevantes que a instituição poderia seguir a fim de fortalecer laços com outras instituições e alavancar o número de alunos que realizam a mobilidade em ambos os sentidos.

Por fim, o estudo de Weller e Reis (2022) analisa estudantes oriundos do ensino médio público que tiveram experiência com o programa Ciência sem Fronteiras. As autoras deixam claro a diferença que o programa fez na vida e na trajetória dos estudantes que realizaram a mobilidade, e enfatizam que é necessário a realização de estudos a médio e longo prazo dessas experiências e a necessidade de ações que antecedem o intercâmbio desses discentes, a fim de prepará-los melhor frente às dificuldades das experiências.

4.2- Análise temática

É pertinente mencionar novamente o Programa Ciência sem Fronteiras, que tem desempenhado um papel fundamental como o principal promotor da mobilidade acadêmica dentro do território nacional, ainda que tenha concedido mais de cem mil bolsas para estudantes e pesquisadores e despendido mais de dez bilhões de reais, dados ainda mostram que o Brasil tem uma longa trilha a percorrer no campo da ciência e da tecnologia para atingir níveis excelentes (MANÇOS; COELHO, 2017). Por mais que os autores apontem melhorias - como maior abrangência de modalidades e de áreas de atuação, também deixam claro a importância que o programa teve para o país, como um importante investimento a fim de desenvolver a colaboração científica brasileira no âmbito internacional.

Fagundes, Luce e Silveira (2019) destacam o Programa Ciência Sem Fronteiras como uma das mais importantes iniciativas já feitas pelo governo brasileiro em benefício da ciência e tecnologia, iniciativa essa que também fomentou o desenvolvimento das instituições de ensino superior, seus docentes e, é claro, seus discentes. Além disso, ambos os estudos de Manços e Coelho (2017) e Fagundes, Luce e Silveira (2019) pontuam a respeito da importância do período pós Ciência sem Fronteiras, a respeito da base de dados e experiências deixados pelo programa e como essa base deve ser levada em consideração. A análise desses dados, segundo os autores, trará importantes reflexões dos benefícios a médio e longo prazo e também do quão impactante é o investimento na internacionalização acadêmica.

Além do destaque do Programa Ciências Sem Fronteiras como um dos principais temas dos estudos analisados, foram identificados mais dois temas predominantes: i) os benefícios, dificuldades e anseios dos docentes e discentes que realizam programas de mobilidade acadêmica e ii) aspectos relacionados às instituições de ensino superior, origem e destino dos estudantes e docentes.

4.2.1 - Análise temática – aspectos relacionados aos docentes e discentes

Ao realizar uma mudança de país com objetivo de aprimorar seus conhecimentos, os estudantes enfrentam diversas dificuldades, sendo algumas delas: financeira, estrutural e linguística. Porém, deve-se levar em consideração, também, características do indivíduo como saúde mental, gênero, raça, entre outros que se mostraram importantes no processo de mobilidade acadêmica.

Ao analisar o estudante, Weller e Reis (2022) deixam claro que a mobilidade acadêmica não se trata apenas de uma experiência acadêmica no âmbito universitário, se trata de um experimento que “engloba um conjunto de experiências”. Ao participar deste processo, o docente/discente pode se beneficiar de várias oportunidades e de uma grande diversidade a disposição, porém é requisitado do mesmo “inúmeras habilidades para se adaptar e desenvolver novas competências” (HILL; LYNCH; DALLEY-TRIM, 2012).

Visto isso, Silva-Ferreira, Martins-Borges e Willecke (2019) apresentam a visão dos estudantes como imigrantes, já que a grande maioria, através da mobilidade acadêmica, sai de seu país de origem em busca de maiores oportunidades educacionais, projeto este que não afeta somente a qualidade de vida do discente, mas também de sua família e comunidade. Além disso, em certos casos, esses estudantes acabam encontrando oportunidades, através do ensino superior, para desenvolver e seguir a vida no país de destino.

Visto que a mobilidade acadêmica pode proporcionar uma mudança de vida não só para o estudante, mas também para a família, é necessário levar em consideração que discentes de classes menos favorecidas têm mais dificuldade de participar de programas de mobilidade acadêmica. As autoras Weller e Reis (2022) pontuam que, enquanto para classe média/alta a experiência é vista como um diferencial na formação acadêmica e profissional de seus filhos, nas camadas populares muitas vezes é vista como um atraso, tanto na formação acadêmica quanto na entrada no mercado de trabalho, imprimindo uma noção de uma viagem a lazer e não um acréscimo no currículo. Nesta mesma temática, Oliveira e Freitas (2017) analisam que, em especial para alunos brasileiros, a experiência do intercâmbio somente se torna viável devido a

classe que as famílias estão inseridas, por conta do apoio financeiro e toda bagagem cultural que elas têm na maioria dos casos.

A desigualdade também se dá na perspectiva de gênero. Nessa temática, Gomes (2021) retrata a diferença no acesso por parte de estudantes do gênero feminino, que por mais que sejam maioria nas instituições de ensino superior, são minoria quando observamos o acesso a programas como o Programa Ciência sem Fronteiras - 44% contra 56% do gênero masculino (INEP, 2013) -, porém, maioria quando voltamos nosso olhar para programas como *Erasmus+*, que entre 2008 e 2012, obteve uma presença 56,6% feminina (ERASMUS+, 2021). Esta diferença ocorre nas áreas do conhecimento contempladas pelo programa, como cita Gomes (2021):

[...] as mulheres brasileiras predominam nas áreas de Ciências Humanas e Linguística, embora estejam bem representadas também nas áreas de Ciências Sociais e Aplicadas, Biológicas e da Saúde. No entanto, nas Ciências Exatas e da Terra, elas decaem um pouco, porém menos do que nas áreas Agrárias e nas Engenharias, áreas que – como se sabe – são prioritárias no Programa CsF. (GOMES, 2021).

A autora conclui que, por mais não haja um absurdo estatístico, existe, sim, uma desigualdade que felizmente vem se reduzindo ao longo dos anos.

Na perspectiva da saúde mental dos estudantes que realizam mobilidade acadêmica, Silva-Ferreira, Martins-Borges e Willecke (2019) fizeram um estudo pontuando fatores que favorecem e prejudicam tal contexto. Dentre aqueles que prejudicam, estão fatores como expectativas familiares, dificuldades linguísticas (não ser capaz de expressar suas tristezas e dificuldades) e as condições financeiras. Por outro lado, atividades de lazer/esporte, coletivos/associações, religião e acolhimento institucional, são fatores que são vistos como elementos de proteção psíquica para saúde do estudante.

Seguindo esta mesma perspectiva, Medeiros, Andrade e Passos (2017) tratam a respeito de todo o processo por parte do estudante, desde seus objetivos antes de realizar o intercâmbio, as dificuldades enfrentadas durante a experiência e as principais melhorias e benefícios que esses estudantes trazem da mobilidade acadêmica. O Quadro 2 representa uma síntese das reflexões dos autores:

Categorias	Experiências
Motivações para realizar intercâmbio	Desejo de aprimorar a língua estrangeira e conhecer outros países
Expectativas dos estudantes	Independência, viajar, conhecer o novo (pessoas e lugares), um nível de ensino mais elevado do que no Brasil e adquirir mais conhecimento
Desafios enfrentados no período de mobilidade	O idioma, as baixas temperaturas, as interações com os nativos, saudade da família, diferenças culturais e o estágio na empresa internacional
Benefícios percebidos	O ganho de conhecimento, amadurecimento, novas amizades internacionais e diferentes formas de ver o mundo
Lembranças	A recepção na universidade, a adaptação a moradia, a locomoção, os laços de amizade e as marcas
	Marcas: aventuras, “perrengues”, encontro com desconhecidos, a solidariedade, e, novamente, os laços de amizade que foram criados nesse período

Quadro 2 – Categorias de Experiências de Estudantes em Mobilidade Acadêmica
Fonte: MEDEIROS; ANDRADE; PASSOS (2017).

4.2.2 - Análise temática – aspectos relacionados às instituições de ensino superior

Stallivieri (2015) discute como a universidade pode iniciar a internacionalização de seus alunos sem que eles tenham que se deslocar a um outro país. Na sua visão, o fator mais importante para tornar a universidade um ambiente global é o fornecimento de disciplinas que não somente abordam o tema, mas que tragam alunos de diferentes culturas para dentro da sala de aula e sejam ministradas em uma língua estrangeira. Dessa maneira, o aluno pode viver um ambiente pluricultural dentro da própria universidade. Claro, sob esses pontos levantados, podemos identificar uma série de dificuldades que a universidade encontrará, suscitadas pelo próprio autor, como a fluência da língua por parte do docente e o conhecimento prévio da língua por parte do discente, porém, “Se os conceitos de língua e cultura estão totalmente interligados, é impossível trabalhar com uma delas sem que a outra esteja presente” (STALLIVIERI, 2015).

Seguindo na linha de raciocínio de como as instituições podem auxiliar e se beneficiar da mobilidade acadêmica, visto que se pode destacar o papel central das instituições de ensino no desenvolvimento da mobilidade acadêmica, Oliveira e Freitas (2017) mostram pontos fundamentais que as instituições de origem e destino devem recorrer para que o discente e o docente em experiências mais proveitosas durante sua viagem. Tendo em vista minimizar os problemas, é importante que ambas as instituições trabalhem juntas de forma que: a universidade de origem trabalhe o processo de apoio e orientação do aluno, auxiliando no desenvolvimento de um plano de estudos a fim do aluno possuir um direcionamento prévio, um docente que possa vincular as duas instituições em prol do aluno, orientações posteriores a

experiência para que o aluno tenha ciência das decisões que precisam ser tomadas, dos créditos que serão aproveitados e os desafios psicológicos/sociais do retorno; à universidade de destino: alinhamento dos agentes (universidade, departamento e professores) para serem facilitadores do desenvolvimento intercultural na instituição, estimular a integração entre alunos locais e intercambistas (exemplo: workshops, seminários e outras atividades de lazer que contemplem os intercambistas para além da universidade), preparar professores para que possam exercer o papel de tutores para alunos internacionais e estimular um canal de comunicação para que o discente possa dialogar com a instituição.

As autoras concluem que, quando as instituições trabalham de forma complementar, o desenvolvimento e crescimento do discente/docente é transformador.

Em complemento a isso, Luce, Fagundes e Mediel (2016) destacam que por meio de seus estudos, a universidade tem grande parte da responsabilidade de uma mobilidade bem-sucedida. Segundo as autoras, são quatro os principais pontos importantes que as instituições devem se atentar (desta maneira, aumentando a quantidade de alunos em “mobilidade *incoming*”). O Quadro 3 apresenta uma síntese com os pontos de melhoria que podem ser feitos por parte das instituições de ensino, segundo os autores:

1	Qualificar as ações da instituição para receber maior número de alunos estrangeiros
2	Atentar às debilidades destacadas como o fortalecimento da oferta de idiomas pela instituição, especificamente da oferta da aprendizagem da Língua Portuguesa
3	Investir e planejar a formação dos professores para que estes atuem no sentido de dar mais qualidade à mobilidade e, por esta via, para a internacionalização da instituição
4	Fomentar a participação dos estudantes nas atividades estudantis e de extensão

Quadro 3 – Pontos para melhoria nas universidades

Fonte: LUCE; FAGUNDES; MEDIEL (2016)

Ressaltando ainda mais a relevância das ações que as instituições de ensino superior devem tomar para uma mobilidade bem-sucedida, Forim e Rigolin (2022) analisaram a UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), onde, por mais que se trate de apenas uma universidade, ao compararmos com os demais estudos presentes nesta revisão, vê-se que não se trata somente de uma necessidade da instituição do interior paulista. Os gestores da universidade perceberam que era necessário aumentar o número de alunos provenientes de outros países, trazendo os quatro principais pontos de melhoria, conforme sintetizado no Quadro 4:

1	Qualificar as ações da instituição para aumentar o número de mobilidades incoming e outgoing
2	Atentar às debilidades destacadas melhorando a qualidade das informações fornecidas pela SRInter
3	Fortalecer o relacionamento do estudante x coordenação do curso para que estes atuem no sentido de dar mais qualidade à mobilidade e, por esta via, para a internacionalização da instituição
4	Fomentar a participação dos estudantes nas mobilidades da América Latina

Quadro 4 - Melhorias para atrair estudantes de mobilidade acadêmica

Fonte: FORIM; RIGOLIN (2022)

Ao analisar os últimos três artigos citados e seus pontos levantados, verificam-se algumas necessidades em comum, como a necessidade de ações por parte da instituição para tornar seu ambiente mais internacional/pluricultural e investir/fomentar a formação de seus professores para estarem prontos a prepararem e receberem alunos que participam dos programas de mobilidade acadêmica.

5 - Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão sistemática de literatura do tipo revisão bibliográfica integrativa das principais pesquisas no Brasil a respeito da mobilidade acadêmica internacional, com a finalidade de responder à pergunta: como a produção acadêmica brasileira tem retratado a experiência e os resultados da mobilidade acadêmica internacional? No decorrer do levantamento dos estudos sobre o tema, foi possível notar que não há um número elevado de trabalhos sobre o assunto em âmbito nacional, porém compreende-se que a pressão para internacionalização de IES e intensificação de suas ações no âmbito internacional têm sido mais recentes no país.

Na análise temporal realizada dos estudos, observou-se a evolução dos trabalhos publicados sobre o tema no decorrer do tempo. Observa-se que quando traçada uma linha no ano de 2015, visualiza-se que no período anterior a esta data foram publicados 2 (dois) estudos que abordam uma visão mais abrangente e geral sobre o tema, com pontos focais em: (1) passos que vêm sendo dados na aproximação dos países latino-americanos no campo educacional; (2) origem e destino dos estudantes estrangeiros no mundo atual. Por outro lado, ao analisar os 10 (dez) estudos selecionados após o ano de 2015, foi possível uma visão mais aprofundada em certos aspectos deste tema como, por exemplo: (1) fatores determinantes para que aconteça o aprendizado numa sala de aula multicultural; (2) perfil sociológico do bolsista do Programa Ciência sem Fronteiras sob as perspectivas da divisão sexual; (3) análise sobre em que medida

o intercâmbio no exterior contribuiu para a ampliação ou não de suas perspectivas profissionais e seus projetos de futuro.

Além disso, observa-se a importância de estudar o agente principal do intercâmbio, os discentes e docentes. Diversos estudos levantados nesta revisão sistemática mostram a importância do auxílio pré, durante e pós destes intercambistas por parte das instituições de origem e destino. Sendo assim, é possível notar que as instituições têm papel fundamental no sucesso da mobilidade acadêmica. Como exemplo, a Universidade Federal do Ceará (UFC) investiu na criação de oportunidades para que docentes fossem capacitados em conjunto com pesquisadores de outros países, gerando maior visibilidade e reputação para a instituição. Outro conteúdo de destaque que reforça a importância das instituições se deu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que identificou pontos favoráveis na demonstração de interesse por parte da comunidade acadêmica em relação ao idioma e cultura dos estudantes estrangeiros, alavancando uma integração bem-sucedida entre os estudantes.

Suplementar a isso, há estudos que trazem a individualidade desses alunos e professores que realizam intercâmbios, expondo pontos que interferem na sua experiência como as demandas que envolvem questões de saúde mental - que afetam não somente a saúde dos estudantes e docentes, mas também seu rendimento e progresso acadêmico. Indo além, a questão de gênero também pode ser citada, já que é fato que as mulheres são minoria nas áreas do conhecimento que a política pública dá enfoque, afetando o acesso à oportunidade.

Como proposta de pesquisas futuras, sugerem-se estudos que envolvam um número maior de instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas, que abranjam seus cursos presenciais e a distância, de diferentes portes e regiões para se ter um panorama mais completo sobre este tema no Brasil, na perspectiva dos estudos da área de gestão e além disso estudos que se aprofundem em questões como as diferenças no acesso e nas escolhas de mobilidade internacional do ponto de vista de gênero, região, classe social, faixa etária e outros marcadores sociais.

6 - Referências Bibliográficas

ALTBACH, Philip G. ; SALMI, Jamil . The Road to Academic Excellence: The Making of World-Class Research Universities. Washington DC: The International Bank for Reconstruction and Development, 2011.

BRASIL. Decreto Nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011. Institui o programa ciência sem fronteiras. Publicado em 03/06/2022 em <https://www.gov.br/>

Carvalho, S. B. R. de ., & Araújo, G. C. de .. (2020). Gestão da internacionalização das instituições de ensino superior. Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior (campinas), 25(Avaliação (Campinas), 2020 25(1)). <https://doi.org/10.1590/S1414-40772020000100007>

CONFORTO, Edivandro Carlos; DA SILVA, Sergio Luis. Roteiro para Revisão Bibliográfica Sistemática: Aplicação no Desenvolvimento de Produtos e Gerenciamento de Projetos. Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento de Produto At: Porto Alegre, RS - Brasil Volume: 8. Setembro de 2011.

CONTEL, F. B.; LIMA, M. C. Aspectos da internacionalização do ensino superior: origem e destino dos estudantes estrangeiros no mundo atual. InternexT - Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM, v. 2, n. 2, p. 167-193, 2007.

DataSenado, avaliação do programa ciência sem fronteiras, outubro de 2015. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado>

De Wit, H. (2019). Internationalization in Higher Education, a Critical Review. SFU Educational Review, 12(3), 9-17. <https://doi.org/10.21810/sfuer.v12i3.1036>

DUARTE, Roberto Gonzalez et al. O papel dos relacionamentos interpessoais na internacionalização de instituições de ensino superior. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 343-370, 2012.

EBERLE, L.; HOPF, M. C.; MILAN, G. S. A Percepção do Intercambista Brasileiro sobre a Experiência de Estudo e Trabalho no Canadá. Revista Eletrônica de Administração e Turismo, v. 15, n. 1, p. 102-119, 2021.

ERASMUS+: Sobre o Erasmus+, 2021. Disponível em: erasmus-plus.ec.europa.eu/pt-pt. Acesso em: 12 de janeiro de 2023

Fagundes, Caterine, Luce, Maria Beatriz e Silveira, Paloma Dias. A qualidade da mobilidade de estudantes de graduação no “Ciências sem Fronteiras”. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação [online]. 2019, v. 27, n. 105 [Acessado 11 Janeiro 2023], pp. 904-927. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002701446>>. Epub 01 Ago 2019. ISSN 1809-4465. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002701446>.

Forim, Andréia Businaro e Rigolin, Camila Carneiro Dias. Um estudo da mobilidade acadêmica internacional em cursos de graduação da Universidade Federal de São Carlos no âmbito dos programas AUGM, Bracol, Bramex e Acordos bilaterais de cooperação. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas) [online]. 2022, v. 27, n. 02 [Acessado 11 Janeiro 2023], pp. 281-304. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000200005>>. Epub 29 Jul 2022. ISSN 1982-5765. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000200005>.

FOSSATTI, E. C.; MOZZATO, A. R.; MORETTO, C. F. O Uso da Revisão Integrativa na Administração: Um Método Possível?. Revista Eletrônica Científica do CRA-PR, v. 6, n. 1, p. 55-72, 2019.

Gomes, Catarina Barbosa Torres. Desigualdade de acesso ao Programa Ciência sem Fronteiras: uma interlocução com a perspectiva dos estudos de gênero. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2021, v. 29, n. 1 [Acessado 11 Janeiro 2023], e66177. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n166177>>. Epub 04 Jun 2021. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n166177>.

HAEFFNER, CRISTINA; ZANOTTO, SÔNIA REGINA; GUIMARÃES, JORGE ALMEIDA; INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA. DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA BUSCA PELO PADRÃO DE UNIVERSIDADE DE CLASSE MUNDIAL. *Revista Brasileira de Pós-Graduação – RBPG*, ISSN (on-line): 2358-2332. Brasília, v.17, n. 37, jan./jun., 2021.

HILL, A; LYNCH, A.; DALLEY-TRIM, L. Positive educational responses to indigenous student mobility. *International Journal of Educational Research*, v. 54, p. 50-59, 2012

HUDSON, Ross. Dominated by economics? Evidence of changing drivers of internationalization and Its Funding Within Higher Education Institutions in Europe. *Higher Education Policy*, California, v. 29, p. 1-19, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/hep.2015.4>.

INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Resumo Técnico – Censo da Educação Superior. Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED). Ministério da Educação, 2013.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: definitions, approaches, and rationales. *Journal of Studies in International Education*, Califórnia, v. 8, n. 5, p. 4-31, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1028315303260832>.

LAUS, S. P.; MOROSINI, M. C. Internationalization of Higher Education in Brazil. Hans de Wit, Isabel Jaramillo, Jocelyne Gacén-Avila, Jane Knight (Eds). In *Higher Education in Latin America: the international dimension*. Washington: The World Bank, 2005.

Luce, Maria Beatriz, Fagundes, Caterine Vila e Mediel, Olga González. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)* [online]. 2016, v. 21, n. 2 [Acessado 11 Janeiro 2023], pp. 317-340. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-40772016000200002>>. ISSN 1982-5765. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772016000200002>.

LUZ, R. J. P.; MELO, P. A.; ANGELO, G. V. Educação Superior na América Latina: a convergência necessária. *Revista de Ciências da Administração*, v. 7, n. 13, p. 31-48, 2005.

Maños, G. D. R., & Coelho, F. D. S. (2017). Internacionalização da ciência brasileira: subsídios para avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras. *Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais*, 2(2), 52-82. <http://doi.org/10.22478/ufpb.2525-5584.2017v2n2.37056>

MAPA do ensino superior. 11. ed. [S. l.]: SEMESP, 2021. Disponível em: www.semesp.org.br. Acesso em: 12 jan. 2023.

MEDEIROS, C. R. O.; ANDRADE, A. D. S.; PASSOS, J. C. Marcas das Experiências Sociais e Interculturais de Estudantes em Mobilidade Internacional: Dos Laços de Amizade aos “Perrengues”. *Administração: Ensino e Pesquisa*, v. 18, n. 2, p. 195-229, 2017.

Minayo, M. C. de S.. (2012). *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(Ciênc. saúde coletiva, 2012 17(3)). <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>

MIURA, Irene Kazumi. *O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo de três áreas de conhecimento*. 2006. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

OLIVEIRA, Adriana *et al.* Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes. *Rev. Bras. Educ.*, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/tFqL6fdZwjPmZfCnBDnYDDv/?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Oliveira, Adriana Leonidas de e Freitas, Maria Ester de. MOTIVAÇÕES PARA MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: A VISÃO DE ALUNOS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS. *Educação em Revista* [online]. 2016, v. 32, n. 3 [Acessado 16 Janeiro 2023], pp. 217-246. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698148237>>. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/0102-4698148237>.

PEREIRA, Yana Paula; SOUZA, Izabel Regina; RODRIGUES, Andriago; DIAS, Cristiane. MOBILIDADE ACADÊMICA: UM ESTUDO COMPARATIVO NO CONTEXTO DE INSTITUIÇÕES UNIVERSITÁRIAS, *Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL*, vol. 10, 4, pp. 252-268, 2017. Universidade Federal de Santa Catarina

RAMOS, Milena Yumi. “Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos”. *Educação e pesquisa* [online], v. 44, 2018, e161579. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100303&lng=pt&tlng=pt. Epub 22/06/2017. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201706161579>.

RICHARDSON, J.; McKENNA, S. Leaving and experiencing: why academics expatriate and how they experience expatriation. *Career Development International*, Bingley, v. 7, n. 2, p. 67-78, 2001

ROSENZWEIG, M. R. Global wage differences and international student flows. *Brookings Trade Forum*, v. 2006, n. 1, p. 57-86, 2006.

ROSOLEN, Talita; OLIVEIRA, Viviane Renata Franco de; ALVES, Pedro Paulo Mendes; BARRETO, Alexandre; MATSUMATO, Luiz Daniel Maffei. Fatores que influenciam a decisão dos alunos de graduação por intercâmbio internacional: pesquisa em 3 Instituições de Ensino Superior (IES) de São Paulo. XV SemeAd - Seminários em Administração, outubro de 2012.

Silva-Ferreira, Alisson Vinícius, Martins-Borges, Lucienne e Willecke, Thiago Guedes. Internacionalização do ensino superior e os impactos da imigração na saúde mental de estudantes internacionais. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas) [online]. 2019, v. 24, n. 03 [Acessado 11 Janeiro 2023], pp. 594-614. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000300003>>. Epub 9 Dez 2019. ISSN 1982-5765. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000300003>.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da FUCAMP, Monte Carmelo - MG: Editora FUCAMP, ano 2021, p. 64-81, 8 mar. 2021. Semestral.

STALLIVIERI, L.; GONÇALVES, R. B. Novas propostas pedagógicas para o desenvolvimento de disciplinas ministradas em línguas estrangeiras nas salas de aula multiculturais . Revista de Ciências da Administração, v. 17, n. 41, p. 130-142, 2015.

Teixeira, L. I. L., Soares, M. E., Oliveira Júnior, M. A. C. de ., Barroso, E. dos S. S., & Rodrigues, M. do S. de S.. (2021). Internacionalizar para quê? As razões de instituições públicas de ensino superior no Ceará. Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior (campinas), 26(Avaliação (Campinas), 2021 26(3)). <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000300009>

WARNER, Gary. Internationalization models and the role of the university. International Education Magazine, Califórnia, p. 21, 1992.

Weller, Wivian e Reis, Jéssica. Mobilidade estudantil de universitários oriundos do ensino médio público: experiências com o programa Ciência sem Fronteiras,,. Pro-Posições [online]. 2022, v. 33 [Acessado 11 Janeiro 2023], e20210062. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0062> <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0062EN>>. Epub 18 Jul 2022. ISSN 1980-6248. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0062>.